

Os problemas da Filosofia de libertação em África, no contexto da descolonização angolana: um contributo de Dr. António Agostinho Neto

Bonifácio António*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-9164-4079>

Resumo: O presente artigo visa apresentar o contributo do Dr. António Agostinho Neto, na descolonização da África, especialmente de Angola. O trabalho é de natureza político-filosófica. Durante a nossa leitura e reflexão, dividiremos em dois momentos: Na primeira parte apresentaremos, de forma sintética, a vida e obra; na segunda parte, apresentaremos as reflexões, a linha de pensamento, sobretudo, através dos discursos históricos, proferidos nalgumas universidades africanas, antes da independência, especialmente na Nigéria e Tanzânia. Como a Filosofia da libertação, é uma corrente da filosofia africana, que teve um papel preponderante na descolonização de muitos países africanos, algumas ideias desta linha de pensamento filosófico, são notórias em alguns momentos dos discursos epistemológicos do primeiro presidente de Angola, em academias, partindo de uma visão endógena.

Palavras-chave: Decolonização; Filosofia; Libertação; Angola

Résumé : Cet article vise à présenter la contribution du Dr António Agostinho Neto, dans la décolonisation de l'Afrique, en particulier de l'Angola. L'œuvre est de nature politico-philosophique. Au cours de notre lecture et de notre réflexion, nous la diviserons en deux moments : Dans la première partie, nous présenterons, de manière synthétique, la vie et l'œuvre ; dans la deuxième partie, nous présenterons les réflexions, la ligne de pensée, surtout, à travers les discours historiques, prononcés dans certaines universités africaines, avant les indépendances, notamment au Nigeria et en Tanzanie. Comme la Philosophie de la Libération, c'est un courant de la philosophie africaine, qui a joué un rôle prépondérant dans la décolonisation de nombreux pays africains, certaines idées de cette ligne de pensée philosophique sont notables par moments dans les discours épistémologiques du premier président de l'Angola, dans les académies, en partant d'une vision endogène.

Mots-clés : Décolonisation ; Philosophie; Libérer; Angola

Introdução

Os dados que apresentaremos, fruto do método hermenêutico, histórico, são na sua maioria os discursos do saudoso Presidente de Angola Dr. António Agostinho Neto, na Universidade de Lagos, Nigéria, em 20 de Janeiro de 1978; Na Universidade de Dar Es Salaam, Tanzânia, em 7 de fevereiro de 1974. Com algumas contribuições de vários autores pesquisados. Cogitaremos o pensamento de Neto, numa visão filosófica. Como o que identifica a filosofia é a reflexão e a crítica, então, buscando os ideais de Neto, ligando à realidade atual, isto é, um olhar crítico sobre o nosso *modus vivendi e operandi*.

Se a Filosofia da libertação, no nosso caso é a ideia da libertação nacional defendida pelo autor, hoje nos indagamos: Será que somos livres na verdade ou

* Filósofo e doutorando em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências Sociais- Universidade Agostinho Neto-Angola. E-mail: bonifacioantonio@outlook.com

continuamos reféns no modelo ocidental? O que significa libertação nacional? Será que, estar livre significa apenas circulação livre, liberdade estética, ou exige também a libertação de mentalidade? Qual é o nosso modelo de pensamento? Será que a libertação nacional atingiu a estrutura ontológica angolana? Este é o problema!

1 Quem foi o Dr. Antonio Agostinho Neto?

Segundo Rocha e outros autores, na obra sobre “*a noção de ser*”, Agostinho Neto nasceu em 17 de Setembro de 1922. Filho de Agostinho Pedro Neto, pastor da Igreja Metodista e de Maria da Silva Neto, professora primária. A sua personalidade foi basicamente formada à luz de padrões cristãos do metodismo americano, implantado em Angola desde a segunda metade do século XIX. Em 1934, matricula-se no Liceu São Salvador Correia, sendo um dos raros negros a frequentar aquele estabelecimento de ensino em Luanda (RICHA, LARANJEIRA, 2014).

Em 1943, concluiu os estudos e ingressa no funcionalismo público, tendo sido colocado, sucessivamente, em Malanje e Bié. Foi presidente do Centro Evangélico da Juventude Angolana. O pai morre em 1946. No ano seguinte, parte para Portugal onde prossegue os seus estudos. Matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Participa em associações como a Casa dos Estudantes do Império e o Clube Marítimo Africano. O Agostinho Neto morreu no dia 10 de Setembro de 1979.

Contexto sócio- político e as principais obras do Agostinho Neto

Estamos perante uma figura incontornável na história de Angola, no que toca à libertação nacional, a história de África e do mundo. Porque, hoje, a figura de Agostinho Neto, é também estudado e pesquisado em grandes universidades das Américas, da Europa, sobre tudo na Itália, na França e em Portugal, na Ásia. Prova disto, são as obras originais e científicas que nos chegam em Língua estrangeira e de autores não angolanos.

Voltando ao ponto inicial, Agostinho Neto, a par da literatura desenvolve igualmente uma intensa atividade política, possivelmente as primeiras ideias sobre a consciência da libertação Nacional, uma Filosofia que se desenvolverá nos encontros, e tendo pertencido ao MUD (Movimento de União Democrática Juvenil) Juvenil. Foi várias vezes preso pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), condenado em 1955 a dezoito meses de prisão pelo tribunal do Porto. Cumprida a pena, em 1957 já em liberdade, retoma os estudos. É licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa em 1958.

Regressa a Angola no ano seguinte. Abre o consultório médico em Luanda (segundo a nossa leitura feita, foi de fato, um médico humanista.

Olhando para os profissionais do nosso tempo, penso que deviam ter o Agostinho Neto, como exemplo, olhando para a questão de humanização. Hoje, quase muito se reclama pela falta de humanização no atendimento nos hospitais público. Onde é que se orientam os nossos profissionais de saúde? Qual é o modelo atual? Voltando na situação política do nacionalista, após à sua eleição, em 1960, como líder do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), no interior de Angola, volta-se a ser preso e deportado para Cabo Verde em trânsito por Bissau e Lisboa. Desencadeia-se uma campanha internacional para a sua libertação. Transferido para a cadeia do Aljube em 1962, passa depois ao regime de residência fixa. Em 30 de Junho de 1962, concretiza-se a sua fuga de Portugal. Um ano depois, é eleito Presidente do MPLA em Léopoldville, atual Kinshasa (atual RDC). Em vida e até 1974, Agostinho Neto publicou em forma de livro: *Quatro Poemas de Agostinho Neto*, Póvoa de Varzim, 1957; *Poemas*, 1961; *Con Occhy Ascitti* (Sagrada Esperanças), edição bilingue, Milão, 1963; *Sagrada Esperança*, Lisboa, 1974; *Sacred hope*, edição em inglês, *Dar-es-Salam*, 1974.

A origem da Filosofia de Libertação e da Filosofia da libertação em África.

Do texto extraído pela obra da filósofa angolana Mambu Muanza¹: A Filosofia de libertação foi um movimento que surgiu na América Latina, aproximadamente nos anos de 1960 e 1970, como correlato da didactologia (ensino) do oprimido. A filosofia de libertação, surge de uma posição clara e comprometida com a realidade Latino-americana. Trata-se, de uma filosofia que começa a nascer a partir da consciência de que esta é a América Latina e não Europa. É uma filosofia comprometida com a realidade histórica ao qual está inserida, e procura pensar e responder às exigências dessa realidade.

Curiosamente, muitos temas tratados por filósofos Latino-americanos deste período assemelham-se aos temas tratados por filósofos africanos desta época. E, Agostinho Neto é desta época, e foi no tempo em que apresentava as suas ideias através de poemas. Agostinho Neto apresentou as ideias sobre a libertação de África no colóquio na Universidade de Dar Es Salaam, Tanzânia, no dia 7 de fevereiro de 1974, em que alguns

¹ MUANZA, Mambu Teresa (Idm). Manual didático de Filosofia – 12ª Classe à luz da Reforma Educativa Angolana. 2ª ed. Tubingen- Alemanha: Handelsdruckerei Muller & Bass, 2015, p.212-213.

pontos fortes sobre algumas ideias da filosofia da libertação são claras e distintas: Libertar a África, (Angola especialmente).

A filosofia da libertação, segundo Mambu, assemelham-se aos temas dos dois continentes. Isto, tendo em conta o contexto histórico vivido por ambos os continentes, sobretudo sobre dependência do ocidente, e no nosso caso Angola, durante mais de quatrocentos anos sob colonialismo. Entre estes temas que traz a filosofia da libertação temos: O carácter e a finalidade da filosofia, a relação entre filosofia e revolução, a questão da consciência e libertação nacionais, a filosofia como factor de libertação, etc.²

Ao analisarmos todos aspectos já mencionados, não podemos deixar de mencionar a luta dos poetas africanos de Língua Portuguesa e das circunstâncias que transformaram as suas poesias em armas contra o colonialismo e contra todos os que não reconheciam como intelectuais autônomos, defensores de uma cultura e de uma história. Defende Mambu³. Aqui, a notável a contribuição dos poemas de Agostinho Neto na luta de libertação nacional e, por conseguinte, da África. Não é por acaso ser conhecido pelo mundo como «poeta maior». Podemos encontrar esses dados bem detalhados na Obra sobre a «a noção de ser» (ROCHA e LARANJEIRA, 2014).

Filosofia da libertação no contexto angolano: um contributo de Agostinho Neto

Qual é a relação das ideias de Agostinho Neto com a filosofia da libertação? Como vimos, a filosofia da libertação trata dos temas da libertação nacional, da relação da filosofia com a revolução, da questão da consciência africana (consciencismo), etc. O que defendia Agostinho Neto?

A luta de libertação nacional

Segundo Agostinho Neto, “o conceito mais alargado de libertação nacional, provém consequências importantíssimas para a necessária cooperação entre os oprimidos da terra”.⁴ Então, podemos definir como uma filosofia que procura libertar o homem do oprimido. Uma libertação, não apenas física/material, mas também formal ou interior, da mentalidade.

Agostinho Neto foi defensor da filosofia da libertação, tanto que, projetava uma força única (entre outros partidos como FNLA - *Frente Nacional de Libertação de Angola*)

² cfr. MUANZA, Mambu Teresa (Idm). Manual didático de Filosofia – 12ª Classe à luz da Reforma Educativa Angolana. 2ª ed. Tubingen- Alemanha: Handelsdruckerei Muller & Bass, 2015, p.212.

³ cfr. Ibid. MUANZA, Mambu Teresa (Idm). 2015, p.213.

⁴ NETO, Agostinho António. Sobre a libertação nacional. 2009, p.17.

para libertação de Angola do governo fascista Português, tal como dizia na sua carta a Holden Roberto, presidente na FNLA na altura. A partir de Leopoldville. Carta enviada no dia 8 de Agosto de 1962. Nesta carta, Agostinho Neto usou uma linguagem totalmente humilde, de unidade, contra as tendências divisórias da época. Por exemplo, ao terminar a carta disse ao Holden Roberto:

proponho que a Conferência se realize a 12 de Agosto próximo, pelas 10 horas, no Bar Buvette, Avenida Kabinda Nº 147, desta cidade. Mas, se preferir, poderá indicar outro local e outra data. Daqui vos envio as minhas cordiais saudações (Agostinho Neto).

Vejamos o seu discurso numa Conferência da *Universidade de Dar Es Salaam*, Tanzânia, no dia 7 de Fevereiro de 1974, sobre uma filosofia da libertação nacional:

Que me seja permitido expor brevemente o fruto de uma experiência pessoal, de reflexão sobre a luta de libertação nacional no nosso continente. Esta experiência não é senão a expressão de uma necessidade vivida em África nos últimos cinco séculos e muito especialmente nos últimos deeeecénios, de cada um de nós se sentir livre. É também a expressão mais vasta do desejo comum do Homem sobre a terra, de se considerar livre, capaz de se desligar das amarras de uma sociedade em que estiola e morre, como ser humano (NETO, 2009, p.10).

Neste discurso podemos encontrar uma expressão revolucionária, libertadora, uma filosofia da mudança de mentalidade, de se despir da velha roupa e buscar uma nova roupa, uma nova maneira de pensar, de viver, libertar-se da consciência ocidental. Bem, é consabido que é difícil hoje, porque tornou-se um problema ontológico! De fato, esta mensagem ainda é atual nos dias de hoje em Angola, onde parece existir uma nova forma de colonização da mentalidade, quando ainda continuamos negar os nossos verdadeiros nomes, as nossas línguas nacionais, os nossos valores estéticos e morais. Porque, como muitos também pensam, ainda vivemos as consequências do assimilacionismo. Por isso, já muitos pensadores africanos como Blyden que pensava numa África sem qualquer referência à Europa, e a pensava como entidade autônoma, acreditando numa civilização africana milenária e viva, animada por valores morais e espirituais elevados (MUANZA, 2015).

O neo-colonialismo moderno e o papel do pensamento filosófico de Agostinho Neto para o nosso tempo

A descolonização da mentalidade ocidental no contexto atual angolano nota-se que é urgente. Defendia Dr. António Agostinho Neto, na mesma conferência, nos seguintes termos:

A luta de libertação nacional em África, na minha opinião, não pode ser desligada do mundo. Uma greve de trabalhadores na Inglaterra, a imposição do fascismo ao povo chileno ou uma explosão atômica no Pacífico, são fenômenos da mesma vida que estamos a viver, através do qual procuramos vias para uma existência feliz do homem na terra (NETO, 2009, p.8).

Encontramos aqui, uma visão ampla e não egoísta da libertação do homem, mas do homem oprimido. No fundo, exaltava a dignidade da pessoa humana. Não obstante ser um problema geral, Agostinho Neto concentram mais em África, quando afirma:

Estes fenômenos são universais, mas na atualidade são agudas e bem concretas em África e é aqui que eles mais nos preocupam a nós africanos e, também aos povos com os quais temos relações ou de submissão ou de cooperação (NETO, 2009, p.8).

Este é de fato o problema atual! Muitos ainda se questionam hoje: Será que continuamos a ter relações de cooperação ou de submissão com outras culturas? quando uma cultura nos dias de hoje impõe a outra cultura, o que isso significa e o que está por detrás dela? percebe-se que hoje as questões como: quem é o angolano? o que faz do angolano angolano? são de nível filosófico. Porque a sua resposta não é rigorosa do ponto de vista cognitivo refletido.

Tudo isso, mostra-nos claramente, que vivemos numa crise de identidade e de personalidade angolana nos nossos dias, que só será possível se voltarmos nos ideais de uma filosofia de libertação, como pensava Dr. António Agostinho Neto. O problema está no conformismo, na letargia, na indiferença desses problemas, parecendo que nada está acontecer, quando na verdade estamos a ser corroído. E, as causas desta crise, residem nos efeitos do assimilacionismo, e da globalização atual. E, o nosso autor é claro quando afirma:

A dominação e a opressão coloniais ou racistas exercem-se de diferentes maneiras e a diferentes níveis. Eles não utilizaram os mesmos métodos e agentes, não actuam sobre o mesmo estrato social ou filosófica ou sobre a forma de organização política ou económica” (NETO, 2009, p.8)

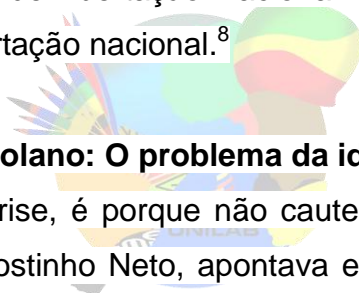
Repare a visão antecipada que já tinha o nosso saudoso presidente!

A dependência da economia

Como compreender sistema financeiro angolano? A nossa economia é dependente ou independente? Porquê que, quando as potencias ocidentais registram baixas, os seus efeitos para nós, é uma crise econômica? Basta olhar nas causas da crise económica dos anos de 1998, 2008 (Segundo o gestor Rui Santos, a crise econômica internacional (2008) não é mais do que a consequência da crise financeira internacional,

precipitada pela falência do tradicional banco de investimento dos Estados Unidos da América, fundado em 1850, o *Lehman Brothers*.”⁵; a mesma visão é partilhada pelo gesto Valter Filipe na sua obra sobre a crise financeira,”⁶), 2014 (segundo o Relatório do CEIC sobre a Energia de Angola: “a justificação da crise econômica, oficialmente, é a queda do preço do petróleo no mercado internacional que teve como consequência um verdadeiro “*Tsunami*” de efeitos significativos”.⁷) portanto, as causas não são internas. Essas causas mostra-nos e demonstra-nos a outra forma de dominação estrangeira. Será que não é possível termos o controlo do que é nosso?

Na verdade, o nosso sistema econômico parece ainda refém sob potências, muitas delas são as mesmas que nos colonizaram em África. Certo?. O que se pode ler na visão futurista: continuar assim? O que por detrás disto? de fato, o próprio Agostinho Neto, já dizia: Em África, já não é a dominação política formal que pode prevalecer, mas ninguém se libertou da dominação econômica. Ela aí, está presente e por isso mesmo, me é muito grata a fórmula adoptada por alguns partidos políticos no poder em África, ao dizer que eles também são movimentos de libertação nacional. Assim, se exprime o completo significado do fenómeno da libertação nacional.⁸



No contexto atual cultural angolano: O problema da identidade

Se hoje, vivemos essa crise, é porque não cautelamos a mensagem dos nossos pais da libertação nacional. Agostinho Neto, apontava esses fenómenos, principalmente no seu famoso discurso na Universidade supra citada, em Tanzânia. Como tal, existe hoje ainda na nossa civilização angolana, um problema que podemos transferir no nível filosófico sobre a questão da identidade: «Quem é o angolano hoje?», é uma pergunta interna à constituição ontológica da pessoa, segundo o filósofo Paul Ricouer(1996).

A questão surge no momento em que, quase exaltamos o «modus vivendi» ocidental negando o que somos. Basta olhar na forma como falamos, vestimos, nos chamamos, emitamos tudo que é moda, mas uma moda externa e muitas vezes antagônica a nossa tradição. Portanto, não se sabe de concreto, o que está para além dessas modas. Aceitamos tudo sem um crivo! Aceitar não é um mal, o mal está no aceitar e negar o que somos. Naturalmente não é possível. Por que a essência permanece, e os acidentes mudam. Talvez os juristas podem contestar a minha visão e pensar na

⁵ Ibidem. SANTOS, Rui dos M. Luanda: Mayamba editora, 2011, p.21

⁶ FILIPE, Valter. O Banco Nacional de Angola e a Crise Financeira. Luanda: Mayamba, 2012, p.78

⁷ VVAA. RELATÓRIO DE ENERGIA EM ANGOLA. Universidade Católica de Angola- Centro de Estudos e Investigação Científica/Angola Catholic University Press- Veritas vita, 2016, p.10

⁸ NETO, Agostinho António. Sobre a libertação nacional. 2009, p.17

identidade como apenas singularidade. É verdade, ate porque está assente na dignidade da pessoa como ser irrepitível. Mas a questão da identidade, ultrapassa a singularidade da pessoa enquanto pessoa singular. Não é só ter o Bilhete de Identidade para ser Angolano. Porque o *B.I* adquire-se. Mas é uma questão de singularidade comunitária: ser angolano, ser africano; diferente de ser António, ser Ana. Segundo Mambo Muanza, na sua tese de doutoramento sobre filosofia africana em Tubinge, esta identidade é que devemos prosperar em África, no nosso caso Angola⁹. Temos que ter algo só nosso, que nos possa nos distinguir dos outros. Essa coisa é o quê? este é o problema!

A tomada de consciência da nossa personalidade angolana

Sobre a libertação da consciência, Segundo Ngoenha, “o problema principal com que nos confrontamos, hoje, é a tomada de consciência da nossa própria identidade e, conseqüentemente, a reivindicação do papel de sujeitos históricos que nos compete de direito. Se aceitarmos-nos no processo histórico universal em que as outras culturas estão na vanguarda e não nossa cultura, condenamo-nos a desempenhar um papel de segunda. Para nos fazermos reconhecer como sujeitos da história, devemos aceitar e valorizar a nossa diferença de posição em relação à história. A nossa não é a história deles (da cultura de fora), ela não se integra necessariamente num processo universal onde a Europa está no ápice. Uma tal centralização põe em causa a própria noção de história (universal) (NGOENHA, 2014, p.52-53)

Com os acidentes que traz a globalização no ser (hoje com o fenómeno do *paculamento*, o cabelo, a língua, a indumentária, etc. na civilização atual angolana) tornou-se mais difícil identificar quem angolano no meio dos não angolanos. De fato, é necessário ter uma originalidade, uma personalidade, algo que nos pode separar dos outros povos no meio de povos de várias nações. Este elemento é o quê? Bem, talvez podemos ser consolados pela filosofia essencialista africana, segundo Ngoenha:

entre as três níveis que permite compreender-se a si mesmo, e compreender os outros, a terceira, é mais profunda, pois é ontológica, segundo a qual: é a espera da «cultura profunda» de um povo, do seu «carácter de base». Este é o nível mais resistente às mudanças. É aqui que se situa a africanidade do homem africano (NGOENHA, 2014, p.159)

⁹ Cfr.MUANZA, Mambo Teresa (Idm). Manual didáctico de Filosofia- 12ª Classe à luz da Reforma Educativa Angolana. 2ª Ed. Tubingen/Alemanha: Handelsdruckerei Muller&Bass, 2015, p.207

A globalização ou a tradição? O que Agostinho Neto defende para os nossos dias?

O que a globalização não consegue mudar no angolano é a essência. Perante a situação atual entre globalização ou tradição, Agostinho Neto defende: “É justo, era justo realçar os valores culturais na sua essência. A nossa cultura deve ser defendida, desenvolvida, o que não significa dizer que deva ser mantida em estagnação”. Mas essa mutação, não significa necessariamente negar a tradição ou a globalização. É verdade que, alguns valores tradicionais como a da poligamia, deve merecer a devida atenção. Mas também, merecem atenção o fenómeno do homossexualismo, da tendência liberalização do aborto, dos valores, mesmo sendo acidentais, que segundo o sensu populacional, chama de «fenómeno do paculamento» etc. O que se pretende, é harmonia, é contrárias (ex. preto e branco), e não contradições (não branco e não preto) ou paradoxos!

2.1.2. Problema filosófico no pensamento de Neto para os nossos dias

Agostinho neto levanta as seguintes questões filosóficas para o nosso tempo, dentro de uma filosofia da libertação, para encontrar o causador e a causa: “Quem é o nosso inimigo? o que é o inimigo? qual é o seu objetivo?”(NETO, 2009, p.12). Essas questões, são também ontológicas. Será são ainda atuais no nosso tempo? se são, quem é o nosso inimigo? é interessante a resposta de Dr. António Agostinho Neto: «As respostas a estas perguntas, como é obvio, não dependem apenas do desejo de ser livre, dependem também do conhecimento e da concepção do mundo e da vida, dependem da experiência vivida. O que significa que elas não se podem desligar das ideias políticas adquiridas, das tendências ideológicas, fruto, geralmente, da origem de cada um de nós.”(NETO, 2009, p.13)

E para o autor, olhando para as questões, “não é verdade que Angola seja apenas dominada pelo pequeno Portugal, é tão errado pensar assim, porque a gerência portuguesa, não impediu a presença dos seus associados, como Grã-Bretanha, que possui em Angola o maior volume de capitais investigados ou os EUA com crescentes interesses, assim como os países quer da Europa, da América e da Ásia que concorrem para a dominação do nosso povo e a exploração dos bens que nos pertencem”, etc. (NETO, 2009, p.13)

A pergunta ainda permanece hoje: Quem é o nosso inimigo? cada um sabe como responder.

A filosofia da libertação em Agostinho Neto contra as divisões, o racismo e tribalismo

Agostinho Neto exaltava na sua filosofia da libertação, mesmo com um pendor revolucionário, os valores éticos, os valores da dignidade da pessoa humana. Vejamos só, quando insistiu na questão ontológica: “Poderemos neste momento repor a questão: Quem é o nosso inimigo? qual é o seu carácter?” Muitas vezes se confunde o inimigo da África com o branco. A cor da pele ainda é um elemento que para muitos determina o inimigo. Há razões históricas, sociais, fatos vividos que consolidaram no nosso continente essa ideia, e por conseguinte, em Angola. No nosso caso Angola, a sociedade criada pelos colonialistas, criou mecanismos vários de defesa racial, postos ao serviço do colonialismo. É por isso, que hoje podemos dizer que o fenómeno da opressão colonial ou neo-colonial no nosso continente já não se pode pôr ao nível da cor dos indivíduos (NETO, 2009, p.14-15).

Vejamos na nossa realidade existencial, uma visão que aos poucos ultrapassamos. Antes, bem perto aos nossos dias, havia um problema racial para acesso ao primeiro emprego ou ao emprego em várias instituições quer públicas e privadas, principalmente as empresas com um poder capital estável. Tanto que, os que participavam do cor branca tinham maior acesso e facilidade (os bancos, as empresas petrolíferas, etc). Com a reivindicação do ente negro angolano, e, aqui o papel dos efeitos positivos desta filosofia da libertação, e mesmo dos ideais de Agostinho Neto, parece ser ultrapassado. Porque afinal somos todos irmãos filhos da mesma mãe Angola.

Contra o racismo do nosso tempo

Percebe-se também, que ainda é visível nas sociedades tribais ou tradicionais, em Angola hoje, encarar o branco como inimigo. Mesmo em algumas empresas, onde não gostamos de ser dirigido pelo branco, porque relacionamos com a nossa história e concluímos logo que é um inimigo. Essa mentalidade racista, degrada a pessoa humana. E Agostinho Neto, foi claro: Não é verdade que o branco é nosso inimigo! Então, quem é o nosso inimigo? retomamos a questão, olhando pela cogitação. Agostinho Neto, responde categoricamente:

se quisermos responder à nossa pergunta, diremos que o inimigo é o colonialismo, o sistema colonial e ainda o imperialismo que sustenta o primeiro, sendo, ate o principal. Estes inimigos, utilizam em seu favor, todas as contradições que possam encontrar na sociedade dominada, os fatores raciais, tribais, de classe, e outros. (NETO, 2009, p.17).

Quem é esse colono? é o branco? não! é uma filosofia imperialista que apoderou-se das outras culturas, povos. Porque a mesma ideologia que dominava em Angola, também sacrificou do povo pobre do interior do seu país.

Conclusões

Quando se fala da libertação nacional, não se trata apenas da escravatura concreta ou o fim de chicotes e de trabalhos forçados(Questões materiais) mas também na forma (pensamento). Porque, a colonização de mentalidade é mais dura e difícil sair dela. E muitos pensadores -filósofos contemporâneo como Jacques Maritain, chamam-nos atenção a libertação da consciência,¹⁰ e Emmanuel Mounier seu contemporâneo francês, ambos filósofos do nosso tempo, dizia: “quando o homem se liberta fica tranquilo.¹¹” E, precisamos desta tranquilidade, penso. Porque não há necessidade de negarmos a real identidade nacional (nomes, língua) e ser o que não somos na verdade, e insistir no impossível, porque se trata da essência/substância que não muda.

Quando falávamos sobre a questão da escravatura moderna, é preciso saber as causas do problema, e a instituição do assimilacionismo é uma tentativa de resposta, ou melhor, a principal das causas. Ao se criar essa estrutura, começava a colonização de fato, e aqueles que nos precederam não tinham muitas opções, pois, tal estrutura (o assimilacionismo) foi instituído como *modus vivendi*, como mundividência, enfim como cultura. A nova cultura vinha, assim, substituir a velha, a super cultura, a cultura inferior. .

Quarenta e poucos anos depois, a colonização continua a influenciar e de modo vigoroso e violento à nossa forma de viver hoje. Engana-se quem pensa que a colonização foi um fenômeno simples, e não complexo; engana-se quem pensa que a colonização foi encerrada no nosso passado recente. Ela continua viva por meio das suas consequências, que são extremamente visíveis ainda hoje. De fato, a colonização foi tão complexa, porque ela atuou justamente na estrutura, na espinha dorsal da nossa identidade: a esfera física, social, psicológica, religiosa, ideológica, cultural etc.

Uma outra causa do problema, para além do colono original, surgiu um outro, mas silencioso que o anterior, porém mais influente que o primeiro: A Globalização. Numa cultura já fragilizada como a nossa, ele encontra terreno fértil e semeia suas investidas, uma delas e, se calhar a mais fatal, a homogeneização cultural, ou seja, como gosto de

¹⁰ MARITAIN, Jacques. Por um Humanismo cristão. São Paulo: Paulus, 1999, p.23

¹¹ RUIZ, António. Emmanuel Mounier: Clássicos básicos del personalismo. (nº3) , Madrid, Instituto Emmanuel Mounier, 1990, p.31

chamar, a diluição de culturas. E, a vítima é a pessoa do angolano, que vai perdendo, se deixar, a sua identidade.

Como é possível sair? certamente através da educação. Mas apesar de termos também um modelo de educação ocidental, é preciso que se eduque e se exalte também os nossos valores, já que a educação é um processo que se vai libertando com tempo. Mais ainda é discutível.

Contra a ideologia dominante e para consolidar a luta para libertação nacional, Agostinho Neto, teve que abrir-se ao mundo, começando com alguns estados africanos. Por exemplo, em Setembro de 1978 assinou o tratado de amizade, cooperação e ajuda mútua com Moçambique, precisamente quando celebrava 56 anos de idade. E assim disse Agostinho Neto: “para nós atingirmos mais facilmente os objetivos das nossas revoluções temos de ajudar-nos uns aos, como fizemos durante a primeira Guerra de Libertação Nacional, em Angola e, em Moçambique, tivemos algumas formas concretas de entre ajuda.¹²” Foi exatamente essa visão comunitária, não egocêntrica que levou a libertação. Porque sozinhos, penso seria ainda mais difícil.

Para terminar, sei que este meu e nosso discurso, será avaliado por vários especialistas académicos e não só. E, quando não recebemos as críticas é porque não fizemos nada; só erra quem faz alguma coisa. Desta feita, parece-me que os argumentos não-convencíveis estão errados, mas desde que provoquem discussão, elas podem, ainda ter um duradouro. Cada ponto refletido durante a nossa meditação resultado de uma nossa pesquisa científica, é um candidato possível de atenção e discussão.

Referências

ARQUIVO NACIONAL DE ANGOLA. Actas do Colóquio da Luta Clandestina à proclamação da Independência Nacional: Memórias de um passado que se faz presente. Luanda: Edições Angola, Ministério da Cultura 2011.

ARQUIVO NACIONAL DE ANGOLA. *Actas do III Encontro Internacional Sobre História de Angola (II Volume)*, Luanda: Edições Angola, Ministério da Cultura, 2015.

FILIPE, Valter. *O banco nacional de Angola e a crise financeira*. Luanda: Mayamba, 2012.

MARITAIN, Jacques. *Por um Humanismo cristão*. Trad. Gemma Scardini, São Paulo: Paulus, 1999.

¹² ARQUIVO NACIONAL DE ANGOLA. Actas do III Encontro Internacional Sobre História de Angola (II Volume)., Luanda: Edições Angola, Ministério da Cultura, 2015, p.813

MUANZA, Mambu Teresa (Idm). Manual didático de Filosofia: 12ª Classe à luz da Reforma Educativa Angolana. 2.ed. Tübingen: Handelsdruckerei Muller & Bass, 2015.

MBAH, Jean Martial Arsene. *As rivalidades políticas entre a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)*. Trad. António Setas. Luanda: Mayamba, 2010.

NETO, Agostinho António. Sobre a libertação nacional. Edição alusiva ao 30º Aniversário da morte do Dr. António Agostinho Neto. Luanda: Ministério da Cultura, 2009.

NGOENHA, Severino Elias. *Filosofia africana: das independências às liberdades*. São Paulo: Edições Paulistas, 2014.

RICUOER, Paul. *Leituras: a região dos filósofos*. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

ROCHA, Ana T.; LARANJEIRA, Pires. A noção de ser: Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: AGIR, Produções Gráficas, 2014.

RUIZ, António. *Emmanuel Mounier: Clássicos básicos del personalismo*. nº3, Madrid, Instituto Emmanuel Mounier, 1990.

SANTOS, Rui dos M. *Do tsunami económico à solução utópica: Reflexões sobre as verdadeiras razões da crise económica internacional*. Luanda: Mayamba Editora, 2011.

VVAA. *Relatório de energia em Angola*. Universidade Católica de Angola- Centro de Estudos e Investigação Científica/Angola Catholic University Press- Veritas vita, 2016.



Recebido em: 28/09/2021

Aceito em: 15/12/2021

Para citar este texto (ABNT): ANTONIO, Bonifácio. Os problemas da Filosofia de libertação em África, no contexto da descolonização angolana: um contributo de Dr. António Agostinho Neto *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.65-77, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Antonio, Bonifácio. (2021, dez.). Os problemas da Filosofia de libertação em África, no contexto da descolonização angolana: um contributo de Dr. António Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1 (Especial): 65-77.